

XVI Congresso Português de Reumatologia

EpiReumaPt versus Inquérito Nacional de Saúde: Primeira Comparação das Prevalências de Doenças Crónicas Auto-Reportadas na Região de Lisboa

Submetido em :03-02-2012 20:28:38

Laires, PA(1); Canhão, H(2); Gouveia, N(3); Branco, JC(4);

1 Equipa de Investigação EpiReumaPt; 2 Equipa de Investigação EpiReumaPt; Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Serviço de Reumatologia, Centro Hospitalar de Lisboa Norte, Hospital de Santa Maria, EPE, Lisboa ; 3 Equipa de Investigação EpiReumaPt ; 4 Equipa de Investigação EpiReumaPt; CEDOC, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa; Serviço de Reumatologia, Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, EPE / Hospital Egas Moniz, Lisboa ;

O EpiReumaPt (ERPt) é um estudo epidemiológico, observacional, transversal sobre as principais doenças reumáticas (DR). Serão inquiridos, segundo um método aleatório, cerca de 10.000 residentes no território nacional, constituindo uma amostra representativa da população portuguesa. Neste momento estão disponíveis os primeiros resultados do ERPt da área de Lisboa. O 4º Inquérito Nacional de Saúde (INS, 2005-2006) foi por seu lado um inquérito geral de saúde com recolha de dados por entrevista directa a uma amostra aleatória, também representativa da população residente em Portugal. Nos dois estudos os inquiridos responderam a um questionário que incluiu o auto-reporte de DR e de outras doenças crónicas. O objectivo principal do presente trabalho foi comparar as prevalências obtidas no ERPt e no INS de auto-reporte de DR, hipertensão (HTA), diabetes *mellitus* (DM) e cancro, na região de Lisboa. A população do ERPt consistiu nos inquiridos entre Setembro e Dezembro de 2011 na área de Lisboa. Comparou-se as prevalências de algumas doenças crónicas (DR, HTA, DM e cancro) auto-reportadas no ERPt com aquelas projectadas para a população da região de Lisboa e Vale do Tejo, com base nos auto-reportes obtidos na amostra entrevistada no INS nessa mesma região. Nesta comparação foram utilizados os escalões etários definidos pelo INS com idade igual ou superior a 25 anos. Foram analisados os resultados de 769 inquiridos do ERPt (64,6% mulheres, com idade média de 52,4 anos), com a seguinte distribuição por grupo etário decenal: 18,6% (25-34 anos); 20,8% (35-44 anos); 17,6% (45-54 anos); 14,3% (55-64 anos); 15,2% (65-74 anos); e 13,5% (> 75 anos). No INS os mesmos grupos etários tiveram a seguinte composição: 21,9%; 19,7%; 18,2%; 16,7%; 13,5%; e 9,9%. Calculou-se a seguinte distribuição das prevalências auto-reportadas de DR por grupo etário, ERPt vs. INS: 3,5% vs. 5,1% (25-34 anos); 9,4% vs. 7,3% (35-44 anos); 21,5% vs. 19,3% (45-54 anos); 40,0% vs. 36,0% (55-64 anos); 41,0% vs. 40,8% (65-74 anos); e 49,0% vs. 54,7% (> 75 anos). As prevalências totais de DR auto-reportadas no ERPt e no INS foram 25% e 23% (mulheres: 32,6% vs. 30,5%; homens: 11,0% vs. 14,6%), respectivamente. Nas restantes doenças crónicas analisadas verificaram-se as seguintes prevalências totais, na mesma comparação ERPt vs. INS: 27% vs. 29% (HTA); 8,7 vs. 8,3% (DM); e 5,6% vs. 2,5% (cancro). Até à data e na região analisada, o ERPt apresentou prevalências de doenças crónicas auto-reportadas comparáveis àquelas calculadas pelo INS para a população de Lisboa e Vale do Tejo. Excepto no caso do cancro, que foi superior no ERPt, e que se poderá dever a um excesso de mulheres idosas entre os participantes até à data neste estudo. É, no entanto, prematuro extrair conclusões definitivas sobre a comparabilidade destes resultados porque no ERPt remanescem localidades por inquirir na região de Lisboa e Vale do Tejo e é necessária a aplicação de um ponderador aos dados para que a amostra se torne representativa da população em relação à idade e ao género, tal como foi realizado para o INS. Porém os resultados aqui apresentados revelam-se promissores e atestam a qualidade do ERPt na sua primeira fase de recolha primária de dados da população portuguesa. Os autores pretendem futuramente aprofundar esta comparação com o INS, por um lado no que diz respeito às prevalências auto-reportadas, e por outro na descrição de características associadas às DR e às outras doenças crónicas auto-reportadas.